

O PROCESSO COLABORATIVO EM DIÁLOGO COM UMA EXPERIÊNCIA ACADÊMICA

THAIRONE LAGES DORNELES¹;
ALINE CASTAMAN³

¹*Universidade Federal de Pelotas 1 – thairone.dorneles@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – alinecastaman@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo é um fragmento de meu Trabalho de Conclusão do Curso de Teatro-Licenciatura do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas e apresenta uma pesquisa sobre o teatro de Criação Coletiva e o Processo Colaborativo em teatro. Tais métodos se estruturam na busca pelo rompimento de hierarquias pré-estabelecidas ao longo da história do teatro, através de uma prática horizontal e democrática de criação teatral. O estudo acerca destes métodos foi essencial para nortear minhas experimentações enquanto condutor do experimento cênico que originou o espetáculo *Tahewa*, desenvolvido durante a disciplina de Encenação Teatral II, no 6º semestre do curso de Teatro – Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas.

Para a realização deste estudo, aportes científicos como *Processo Colaborativo e experiências de companhias teatrais brasileiras* (2010), da professora e pesquisadora Stela Fischer; e os artigos *O Processo Colaborativo como modo de criação* (2009), e *O Processo Colaborativo no Teatro da Vertigem* (2006) do professor, pesquisador e encenador Antônio Araújo, foram essenciais, sobretudo no auxílio da construção das problemáticas levantadas.

Nesta perspectiva, este estudo tem como objetivo responder a seguinte questão: Como se caracteriza o processo criativo de meu experimento cênico mediante os conceitos estudados?

Busco com este trabalho contribuir com a produção de conhecimento sobre Processos Colaborativos desenvolvidos dentro da graduação do curso de Licenciatura em Teatro. É possível afirmar que o relato do experimento, alinhado à reflexão dos procedimentos é uma construção de conhecimento teatral. Acredito ser um relato pertinente como registro pela ruptura dos padrões tradicionais de criação em teatro e pela proposta de sugerir modos operacionais que priorizem a horizontalidade na constituição e organização de um processo criativo.

2. METODOLOGIA

O experimento teatral que originou o espetáculo *Tahewa* foi desenvolvido no âmbito da disciplina de Encenação Teatral II, ministrada pelo Prof. Dr. Adriano Moraes. O objetivo da disciplina foi proporcionar ao estudante-licenciando um espaço de produção de conhecimento sobre o papel/função do encenador/diretor teatral, o estudo dos conceitos de encenação e a investigação de caminhos que possibilitam a experiência de co-criar um processo criativo em teatro. Para tanto, reuni uma equipe de dez pessoas com o objetivo de pesquisar possibilidades de criação teatral através de um processo criativo fundamentado pela ampla participação de todos os integrantes. Este aspecto é característico ao método de Criação Coletiva em teatro que propõem o rompimento de hierarquias pré-estabelecidas ao longo da história das encenações teatrais, buscando a

horizontalidade nas inter-relações e a concepção de um espaço democrático de criação onde todas as vozes sejam ouvidas.

Dentro da Criação Coletiva, os participantes se desafiam a propor experiências de jogo que possam reverberar na concepção de uma dramaturgia, bem como outras funções dentro da criação do espetáculo, como cenografia, figurino, iluminação, sonoplastia, etc. Desta forma, e diferentemente de métodos tradicionais em que o texto dramático é o centro do espetáculo teatral, na Criação Coletiva o trabalho do elenco não se resume em apenas interpretar papéis e dar vida a personagens.

Ao contrário destes padrões tradicionais transmitidos por Stanislávski e Copeau, de acordo com o professor, pesquisador e artista Antônio Araújo (2009, p. 50) a Criação Coletiva apresenta uma proposta de ressignificação do fazer teatral e das relações internas das companhias através de uma criação amplamente participativa e democrática.

Já em um caso diametralmente oposto a esse, o da criação coletiva, o que se estabelece – ou se procura estabelecer – é um plano de horizontalidade máximo. Ou seja, ninguém subjuga ou direciona ninguém. Todos estão em pé de igualdade, o tempo inteiro, em relação a todos os aspectos da criação. Daí que, nos casos em que tal dinâmica – e o projeto utópico nela embutido – tenha funcionado efetivamente, presenciamos uma estrutura baseada num sistema de coordenação. (ARAÚJO, 2009, p. 50).

Como é possível notar, as estruturas tradicionais hierárquicas de organização das equipes em suas montagens teatrais, passam a ser dissolvidas na proposta de Criação Coletiva, abrindo espaço para que todos artistas envolvidos possam exercer o mesmo poder criativo.

A partir do surgimento do teatro de Criação Coletiva, houve uma considerável disseminação de companhias teatrais fundamentadas no coletivismo que perpassou os anos e que se estende até hoje, havendo uma crescente aspiração à produção dramatúrgica própria, a pesquisa e desenvolvimento de técnicas para a preparação do ator e a preocupação com o aprimoramento estético e técnico das produções e dos artistas que a concebem. Atualmente, é possível encontrar companhias que empregam estes fundamentos como norteadores de suas produções teatrais, embora se utilizem de variadas denominações para definir suas propostas, como por exemplo, o Teatro de Participação, a Criação Compartilhada e o Processo Colaborativo.

O Processo Colaborativo, diferentemente da Criação Coletiva, embora o desenvolvimento da produção artística se dê pela ampla interferência e contribuição de todos componentes da equipe, requer que cada setor da encenação seja representado por profissionais da área. Desta forma, a direção é responsável pelas propostas de trabalho a serem experimentadas e a estruturação da encenação, se relacionando diretamente ao trabalho dos atores. Este, que é definido pela criação de personagens e pelo desenvolvimento das ações dramáticas, acaba contribuindo com o trabalho do dramaturgo que se ocupa da organização do material dramático experimentado e, da elaboração do texto dramatúrgico, como explica Fischer:

Com frequência, a dramaturgia e a cena são elaboradas em conjunção, contando com a intervenção dos atores para esse fim, mesmo com a presença de um dramaturgo no corpo criador. Esse procedimento passou a ser chamado por dramaturgia em processo, método de criação textual coletivo elaborado concomitantemente à cena, baseado nas

improvisações e experiências particulares do ator. (FISCHER, 2010, p. 63).

A atribuição de cada área de trabalho aos respectivos artistas responsáveis ocorre de antemão, logo no início de cada projeto, assim como a definição das temáticas a serem abordadas na encenação. Não há um tempo disponível para experimentação destas funções. Como incide, por exemplo, no trabalho do elenco, “em relação às personagens, [...] em que todos os atores exploram todos os papéis, o mesmo não ocorre em relação às funções”, como explica o encenador, professor e pesquisador Antônio Araújo em seu artigo *Processo colaborativo como modo de criação* (2009):

Ou seja, não há um período em que todos os integrantes experimentam todas as funções – ou em que elas são deixadas em aberto por um tempo – para, só então, haver a definição de quem fará a cenografia ou a dramaturgia. Sabemos, por exemplo, que em algumas práticas de criação coletiva, quando ocorria algum tipo de definição de atribuição, ela só se estabelecia muito tempo depois de iniciados os ensaios. (ARAÚJO, 2009, p. 49).

Posto isto, a escolha de cada função se dá de acordo com a preferência de cada colaborador ou a convite dos integrantes da companhia, sendo relevantes as experiências ou formações dos colaboradores, referente a suas áreas de trabalho. Assim se inicia o processo de investigação e produção da obra, de modo que todos os seus segmentos composicionais se desenvolvem concomitantemente.

É imprescindível que todas as funções envolvidas no Processo Colaborativo estejam sintonizadas e desenvolvam seus respectivos trabalhos buscando um meio de acolher os anseios em comuns da equipe, tendo como prioridade o mesmo objetivo: a produção da obra teatral. De tal forma que, diante do dissenso e de possíveis impasses entre os colaboradores e suas proposições, cabe ao diretor a resolução dos empecilhos em prol da efetivação do produto cênico final.

Diante disto, é possível traçar um paralelo entre o Teatro Coletivo e o Processo Colaborativo como importantes renovadores do fazer teatral contemporâneo, alicerçados numa proposta democrática e de horizontalidade na organização e execução de processos criativos em teatro, distanciados pelos meios operacionais, característicos entre si.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O experimento que originou o espetáculo teatral *Tahewa* esteve em processo de criação no período de outubro de 2017 a março de 2018, com dois encontros semanais de toda a equipe, e encontros extras dedicados à produção sonora/musical.

Por se tratar de um espetáculo musical, alguns nomes da equipe foram indicados a dirigir a produção da trilha sonora e da sonoplastia pela necessidade de se ter um olhar técnico voltado ao estudo/trabalho musical.

Além da trilha sonora e sonoplastia, outros setores referentes aos elementos que compõem o espetáculo teatral ficaram a cargo de alguns participantes da equipe ao decorrer do processo, como cenografia, figurino e iluminação. Os responsáveis por cada setor trabalharam de forma colaborativa com os demais integrantes do grupo, porém as decisões e o produto final de cada um destes segmentos foram assinados por seu criador responsável.

Os ensaios com o elenco foram estruturados em três etapas: aquecimento; oficina; criação de cena. Por se tratar de uma dramaturgia já composta em 2008, no meu antigo grupo de teatro, o trabalho entre eu-encenador e elenco se deu através do estudo dramático da peça e sua atmosfera fantástica, reverberando em experimentações a partir de jogos e exercícios de improvisação.

4. CONCLUSÕES

De acordo com minha trajetória enquanto licenciando em Teatro e dos aprendizados adquiridos neste percurso foi possível realizar conexões entre os estudos teóricos acerca dos modos de criação e concepção de processos criativos em teatro com a experiência por mim vivenciada durante a disciplina de Encenação Teatral II. Diante da análise dos procedimentos que originaram o espetáculo *Tahewa*, é possível perceber que houve uma estrutura de organização que se aproxima das práticas de Criação Coletiva e do Processo Colaborativo em teatro, definida, em suma, pela ampla participação de todos integrantes da equipe no processo criativo. Entretanto, a presença de representantes à frente de cada seguimento composicional (Cenografia, Iluminação, Figurino, Trilha sonora/Sonoplastia), encarregados por selecionar e organizar as contribuições dos demais integrantes e assumir a responsabilidade do setor, distancia o experimento das práticas de Criação Coletiva e o aproxima do Processo Colaborativo. Deste modo, a partir destes estudos, alinhados às práticas de criação do espetáculo *Tahewa*, é possível definir como um Processo Colaborativo o modo de criação do experimento cênico desenvolvido por mim no âmbito da disciplina de Encenação Teatral II do curso de Teatro-Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Antônio. O processo colaborativo como modo de criação. in: **Olhares** ESCH/Revista da Escola Superior de Artes Célia Helena. n° 1. 2009;
- ARAÚJO, A. O processo colaborativo no Teatro da Vertigem. **Sala Preta**, v. 6, p. 127-133, 28 nov. 2006.
- FISCHER, Stela. **Processo Colaborativo e experiências de Companhias Teatrais brasileiras**. São Paulo: Hucitec, 2010. 238p.